

# 'Não aceito essa interferência'

ACM diz que 'não é da conta do FMI' decidir sobre cortes e que Senado defenderá soberania

## ENTREVISTA

### Antônio Carlos Magalhães

O novo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que deve ser anunciado esta semana, corre o risco de não ir adiante. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), está indignado com a interferência do Fundo e os cortes na cesta básica. Por isso, o Senado poderá rejeitar o acordo, se contiver exigências descabidas, com cláusulas que firam a soberania nacional. O senador reclama que, embora o Governo esteja adotando a política recomendada pelo Fundo para baixar os juros, na verdade as taxas aumentam e a população está pagando esse preço. Antônio Carlos diz que gostaria que o Governo fosse mais ágil, pois, às vezes, é melhor errar e ter a chance de consertar do que não resolver.

política recomendada pelo Fundo para baixar os juros, na verdade as taxas aumentam e a população está pagando esse preço. Antônio Carlos diz que gostaria que o Governo fosse mais ágil, pois, às vezes, é melhor errar e ter a chance de consertar do que não resolver.

Sergio Fadul e Maria Luiza Abbott

**O GLOBO:** O senhor surpreendeu a todos na semana passada ao fazer críticas ao FMI. O que aconteceu para que tornasse público esse seu desconforto?

**ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES:** Que o Fundo queira saber dados da nossa economia, é uma coisa natural. Mas não precisa vir até aqui dar entrevista com o ministro da Fazenda, numa interferência clara nos negócios do Brasil e sempre com exigências que não puderam ser cumpridas. O Fundo pode ajudar, fazer esses empréstimos, mas sem exigências que façam o Governo ficar mais fraco na opinião pública. Cada vez a população fica mais sofrida com as medidas que o Fundo deseja. As metas devem ser cumpridas, mas quem tem que escolher os métodos é o Governo. Acho que interpretei a vontade do povo e da classe política. Isso é mais um elemento que o Governo pode utilizar, dizendo que essas coisas não são possíveis aqui, como o Senado americano faz quando o Governo americano precisa de certo apoio indireto. O Governo culpa o Senado, dizendo que o Senado não deixa. Então, o Senado brasileiro não vai mais deixar contratos do tipo que o Fundo realizou.

• O senhor está dizendo que o Senado pode rejeitar o acordo com o FMI?

**ANTÔNIO CARLOS:** Qualquer acordo com o Fundo tem que passar pelo Senado. E não estamos mais dispostos a aceitar qualquer cláusula que fira a soberania brasileira.

• Já são visíveis os efeitos da austeridade imposta pelo Fundo?

**ANTÔNIO CARLOS:** É óbvio. No momento em que se insiste em determinadas metas, em cortes de gastos até do Comunidade Solidária, da cesta básica, com uma seca tremenda no Nordeste. Não posso aceitar, o Nordeste não pode e nem um brasileiro pode aceitar essa interferência do Fundo.

• O Governo continuará dando um voto de confiança ao ministro da Fazenda, Pedro Malan?

**ANTÔNIO CARLOS:** Acho que não tem outro jeito. Agora, o próprio ministro, no dia em que sentir que não é útil ao país, sai. Não precisa nem o presidente falar. Mas no momento, o presidente acha que ele é indispensável e ele mesmo se julga importante no esquema montado, sobretudo no exterior. A credibilidade do ministro é muito grande. Sem ele seria muito pior.

• Mesmo ele tendo feito um acordo com o FMI que foi o mais efêmero?

**ANTÔNIO CARLOS:** O FMI tem metas...

• Com as quais o Brasil concordou...  
**ANTÔNIO CARLOS:** Ele pensou que ia dar. Não deu. As metas do FMI não deveriam ter sido aceitas tantas vezes.

• Agora está aceitando novamente...  
**ANTÔNIO CARLOS:** As mesmas não serão.

• Serão piores?  
**ANTÔNIO CARLOS:** Não sei. Não podemos ratificar acordo que não seja realista.

• O senhor acha que um acordo que exija R\$ 8 bilhões de cortes adicionais no orçamento é factível?

**ANTÔNIO CARLOS:** Não é que não seja factível. Não é o ideal. O Fundo pode querer a meta, mas não pode dizer corta aqui ou ali. Não é da conta do FMI.

• E tem onde cortar?  
**ANTÔNIO CARLOS:** O Governo tem que dar o exemplo dos sacrifícios. Vamos extinguir tribunais que não existem, na prática atrapalham mais do que facilitam. Acho também que a estrutura montada pelo Governo foi maior do que devia, nessa fase agora, as secretarias que se criaram, uma porção de órgãos. Num momento de contenção não é justo. Aí é uma questão de gestão, fazer uma economia de guerra.

• Que tribunais podem acabar?  
**ANTÔNIO CARLOS:** O TST (Tribunal Superior do Trabalho), que é uma coisa

esdrúxula. Acho que não existe em país nenhum, só no Brasil. O Superior Tribunal Militar, o mais antigo do país, mas que perdeu o sentido. Tribunal Marítimo, por quê? Tribunal de Contas, por quê? Tem no estado, no município. São órgãos auxiliares do Legislativo e já não atuam como tal. Por que o Poder Legislativo não cumpre essa tarefa?



ANTÔNIO CARLOS: "Nosso pessimismo é um mal que pega na população. Precisamos acreditar mais no país e nos homens públicos"

**"O Fundo pode ajudar, fazer esses empréstimos, mas sem exigências que façam o Governo ficar mais fraco perante a opinião pública"**

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

• Para fazer tudo isso depende de...  
**ANTÔNIO CARLOS:** Coragem.

• Desde setembro o Governo vem promovendo cortes, a sociedade vem fazendo sacrifícios...

**ANTÔNIO CARLOS:** A sociedade já fez grandes sacrifícios e já é hora de aparecerem os resultados e acredito que vão aparecer. Dentro de uma soberania, e não de uma humilhação.

• O senhor acha que os resultados vão aparecer com a queda dos juros?

**ANTÔNIO CARLOS:** A política que o Governo faz e que o Fundo preconiza é para se obter a queda dos juros, mas o que está se vendo é o contrário. É a manutenção dos juros numa altura que a sociedade está pagando o preço. Então, alguma coisa está errada. Em vez de se procurar fazer o que temos que fazer, está se procurando atender as metas do Fundo. E se o Fundo errar no Brasil, não será a primeira vez.

• O Brasil teria outra opção que não a ida ao Fundo?

**ANTÔNIO CARLOS:** Temos necessidade de ir ao Fundo, porque a situação é de gravidade. Mas entre a necessidade de ir ao Fundo e submeter-se a isso...

• É comum as pessoas atribuírem a crise ao ministro Pedro Malan, por ter insistido em manter a política cambial, ou ao presidente Fernando Henrique por ter insistido na reeleição, esquecendo o ajuste fiscal, ou é culpa do Congresso por ter atrasado as reformas...  
**ANTÔNIO CARLOS:** O Congresso fez as reformas em tempo mais hábil do que qualquer Congresso de país estrangeiro. Na Alemanha até agora não se fez a reforma da Previdência e nem na França tampouco. No Brasil se fez. Não se pode culpar o Congresso. Os instrumentos todos foram dados ao Governo. Também não se deve dizer que foi a reeleição. Nada tem a ver com esse assunto, a não ser uma exploração política. Se devia ter mudado a política cambial mais cedo ou mais tarde, aí a responsabilidade

de é do presidente e do ministro da Fazenda. Não sei se seria certo ou não. Eles devem ter tido motivos para não mudar. De qualquer sorte garantiu ao povo brasileiro em determinado período uma cesta básica, pelo menos, em termos aceitáveis pela população. Agora começou a ficar difícil.

• O seu partido, o PFL, fiel aliado do Governo, não será cobrado a pagar a conta pela recessão, aumento do desemprego e juros altos?

**ANTÔNIO CARLOS:** Temos dever de fidelidade ao presidente que elegemos. Não poderemos abandoná-lo. Ao contrário, vamos dar sustentação e esse é o nosso propósito. Agora, isso não impede que façamos sugestões. Eu mesmo, fora do PFL, faço sempre sugestões ao presidente. Nem sempre são aceitas.

• O economista Paulo Rabello de Castro fez sugestões ao PFL...

**ANTÔNIO CARLOS:** Gosto dele e achei boa sua palestra. Também não vou achar que ele vai resolver o Brasil. Algumas coisas ele acertou, mas outras... Também, não precisa ser economista para acertar alguma coisa. Nesse ponto estou com o governador Mário Covas. Temos medo dos economistas.

• Por que?  
**ANTÔNIO CARLOS:** Nunca vi um economista, nem o papa, Mário Henrique Simonsen, que não fosse se adaptando à situação. Tem uma opinião e daqui a

pouco têm outra. Então, isso nós fazemos também.

• Qual sua opinião sobre ampliar a privatização, incluindo Petrobras, Banco do Brasil...

**ANTÔNIO CARLOS:** Sou contra. Até porque, numa época difícil como essa, se quiser privatizar empresas desse porte, não vai privatizar, vai entregar. E não sou entreguista.

• Uma das críticas que se faz ao Governo é que tem demorado a tomar medidas. Ele deveria ser mais atuante?

**ANTÔNIO CARLOS:** Sou homem fiel ao presidente, jamais lhe seria infiel. Entretanto, seria mais ágil. Às vezes, a pior coisa é não resolver. Resolvendo errado, se conserta, mas não resolvendo, fica-se sem solução.

• O Governo precisa de um choque de credibilidade?

**ANTÔNIO CARLOS:** A credibilidade anda junto com a autoridade. Se perde a credibilidade, perde a autoridade. De maneira que temos, o mais rápido possível, que mostrar a credibilidade do país interna e externamente. Não vale a pena querer só fazer a credibilidade externa, sem a interna, porque essa decorre da credibilidade interna. Se um país está totalmente contra o Governo, falta força para fazer as políticas que o Governo necessita. Então precisa se fortalecer internamente.

• De que maneira isso pode ser feito?

**ANTÔNIO CARLOS:** É só mudar para uma agenda positiva. O Governo não pode viver eternamente o problema do câmbio, da dívida dos estados com a União. Isso cria um desânimo na população e um clima psicológico que inviabiliza as boas fórmulas econômicas.

• Enquanto isso os índices de popularidade do presidente estão despencando. Tem como reverter essa queda?

**ANTÔNIO CARLOS:** Ele tem capacidade para reverter, já reverteu outras vezes, agora, entretanto, é preciso ter pressa, porque essas coisas se aceleram.

• O que aconteceu com o capital político do presidente?

**ANTÔNIO CARLOS:** Houve uma conspiração externa, do destino, contra nosso país. Pensávamos, e aí vem também um pouco do erro, que tínhamos nos preparado, na crise da Ásia, para enfrentar outra crise. Na realidade, não tínhamos nos preparado para a crise da Rússia.

• O Brasil está numa situação em que já fez de tudo para agradar o mercado e não consegue...

**ANTÔNIO CARLOS:** Aí é que acho importante a presença do Armínio Fraga. É competente, conhece os dois lados e é um homem que resolveu abandonar qualquer possibilidade de se tornar mais poderoso financeiramente para servir ao Brasil. O que ele quer é sair como um grande herói nessa batalha. Quem está com esse propósito dificilmente deixa de ter êxito.

• O ex-presidente do BC Francisco Lopes saiu da posição de herói a Judas em 18 dias. O senhor não acha que está se criando a mesma expectativa de Armínio Fraga, de que ele vai salvar a pátria e isso pode não acontecer?

**ANTÔNIO CARLOS:** Por que vocês só acreditam nas coisas piores? O lógico é que não aconteça o mesmo. Nosso pessimismo é um mal que psicologicamente pega na população. Precisamos acreditar mais no país e nos homens públicos.

• As pessoas sentem que foram enganadas, porque o presidente disse na campanha que o real não seria desvalorizado...

**ANTÔNIO CARLOS:** Pode ter havido uma falha, que até nem acredito. O que houve foi uma mudança de conjuntura e que nos pegou. Agora achar que foram enganadas, não. O presidente teve a coragem, 15 dias antes da eleição, de dizer que íamos atravessar momentos difíceis e que ele tomaria as providências num momento difícil. São essas que foram adotadas e que até agora não surtiram o efeito desejado, mas vamos esperar que venham a surtir. ■